

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ
DERLI DE FÁTIMA SANTOS DIAS POLLI

**O FEDERALISMO DE ÂNGELO DOURADO EM VOLUNTÁRIOS DO
MÁRTIRIO - 1977**

CURITIBA

2017

DERLI DE FÁTIMA SANTOS DIAS POLLI

**O FEDERALISMO DE ÂNGELO DOURADO EM VOLUNTÁRIOS DO
MARTÍRIO - 1977**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História - Faculdade Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientadora: Dra. Liz Andréa Dalfré.

CURITIBA

2017

Dedico essa pesquisa a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram com minha vida acadêmica, seja de forma direta ou indireta.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por iluminar os meus caminhos, me dar força para continuar, pois muitas vezes pensei em desistir. Minha vida foi e é marcada por realizações diárias, que muitas vezes não dou o devido valor, mas sei que a graça de Deus se faz presente em todos os dias de minha vida.

É difícil agradecer todas as pessoas que de algum modo, nos momentos serenos e de dificuldades fizeram ou fazem parte da minha vida, por isso agradeço a todos de coração.

Agradeço aos meus amigos de sala, que partilhamos momentos alegres e uns não tão alegres assim, pois não foi fácil! Em especial a minha querida amiga e companheira Thays da Silva. Obrigado por estar do meu lado nesta caminhada, sem você, talvez eu não teria conseguido.

Agradeço de uma forma muito especial a minha família, pelo apoio e pela paciência neste decorrer de tempo, principalmente nestes últimos meses de tensão.

Agradeço imensamente meu esposo pelo apoio e confiança, se não fosse por você esta conquista certamente não aconteceria, então eu te digo, esta conquista é nossa, ao meu filhinho, razão do meu viver, que muitas vezes fui ausente na sua vida, pela falta de tempo, obrigado filho. Não poderia deixar de agradecer a minha irmã Daiane, que ouvia com frequência minhas lamentações, lia os meus trabalhos e opinava para melhorá-los, sempre me dando apoio, obrigado.

Agradeço os meus pais pelos ensinamentos, pois sem eles hoje eu não estaria aqui.

Agradeço aos meus professores que desempenharam com dedicação as aulas ministradas. Em especial a minha orientadora Liz Andréa Dalfre que me ensinou a “florear”, minha pobre escrita, aprendi muito com ela, aprendizado que levo para a vida, obrigado de coração.

A querida professora Vera Irene, que com suas aulas maravilhosas me estimulou a me apaixonar ainda mais pela História, um grande exemplo de profissional, ela é dedicação em pessoa, seus “puxões” de orelhas também levarei para vida. Obrigado por tudo Verinha.

Não poderia deixar de agradecer minha querida e amada professora e coordenadora, a melhor, Viviane Zeni, meu espelho em todo o curso, sempre nos motivando e nos alegrando, uma pessoa sensacional. Obrigado

Bom, estou chegando ao final, já não dá para controlar as lágrimas, há muitos que aqui não citei, mas que certamente participaram de uma forma muito positiva a minha vida.

E para finalizar obrigado a todo grupo desta Universidade, que tenho muito orgulho. Tuiuti você é minha referência!

RESUMO

Voluntários do Martírio de Ângelo Dourado é a narrativa mais conhecida sobre a Revolução Federalista, que consistiu em uma série de conflitos políticos pelo poder do Estado do Rio Grande do Sul envolvendo dois grupos políticos com ideias e doutrinas políticas diferentes: castilhistas e federalistas. Dourado era médico, escritor, político e uma figura ativa na sociedade intelectual. Foi nomeado coronel-médico do Exército Libertador. Nesse contexto, Ângelo Dourado foi denominado narrador oficial dos acontecimentos que marcaram aquele episódio, acompanhando as tropas federalistas em várias regiões do Sul do Brasil. Dourado defendia a Revolução como uma causa legítima e justa. Diante, disso, procurou-se analisar de qual maneira o federalismo é exposto na obra *Voluntários do Martírio*. Para isso, o primeiro capítulo desse trabalho buscou conceituar as ideias federalistas, bem como as ideias castilhistas. Já no segundo capítulo, foi trabalhado o discurso de Ângelo Dourado em sua narrativa memorialística.

Palavras-chave: Revolução Federalista, Diário, Ângelo Dourado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. A REVOLUÇÃO FEDERALISTA NA HISTÓRIA DO BRASIL	9
1.1 O NOVO REGIME E O FEDERALISMO	11
1.2 REPUBLICANISMO <i>VERSUS</i> FEDERALISMO	16
2. ATUAÇÃO DE ÂNGELO DOURADO NA REVOLUÇÃO FEDERALISTA .	20
2.1 AS MEMÓRIAS DE ÂNGELO DOURADO SOBRE A REVOLUÇÃO FEDERALISTA	25
2.2 O FEDERALISMO EM VOLUNTÁRIOS DO MARTÍRIO	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
FONTES	433
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

Uma das narrativas mais conhecidas sobre a Revolução Federalista é o livro de Ângelo Dourado intitulado *Voluntários do Martírio*. Durante o período em que viveu junto às tropas, Dourado registrou o que via no campo de batalha em um diário que após o conflito foi publicado em formato de livro. A Revolução Federalista foi um conflito armado que teve início no Estado do Rio Grande do Sul em 1893, devido a divergências políticas locais e com o poder federal, na época representado por Marechal Floriano Peixoto, no entanto, se espalhou por outros Estados, como Santa Catarina e Paraná.

Esse conflito consistiu em uma disputa política pelo poder do Estado do Rio Grande do Sul envolvendo dois grupos com ideias e doutrinas políticas diferentes. De um lado, estavam os seguidores de Júlio de Castilhos o qual já desenvolvia sua campanha republicana pelos ideais positivistas. Do outro, aqueles que defendiam os ideais federalistas, chefiados por Gumercindo Saraiva¹.

Os castilhistas eram identificados pelos inimigos como pica-paus, já que os queques republicanos lembravam o formato de um pássaro bicudo. Já o outro grupo, o dos federalistas, foram chamados por seus adversários de maragatos, referindo-se ao fato dos irmãos Aparício e Gumercindo Saraiva terem vindo de San José, departamento uruguaio, cuja população seria originária de uma região espanhola, a Maragateria.

A Revolução Federalista foi um dos episódios mais graves que a recém proclamada República no Brasil teve que enfrentar. Conforme destaca Sandra Pesavento, a guerra foi “caracterizada por atos de violência e barbárie de ambas as facções, a chamada ‘Revolução da Degola’². Este termo foi empregado devido às mortes por degolamento, cometidas pelos dois lados e acabou se tornando comum durante o período do conflito.

No Rio Grande do Sul, a revolta armada começou a perder forças em 1894, com a derrota de Gumercindo Saraiva em Passo Fundo (RS). Com o fim do conflito, restaram milhares de mortos e alguns documentos, como narrativas, folhetos, livros,

Militar comandante das tropas rebeldes durante a Revolução Federalista.

²PESAVENTO, Sandra. *A Revolução Federalista*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.9.

entre outros textos, nos quais se sobressaem discursos partidários. Durante muitas décadas, esse partidarismo ideológico invadiu a produção da historiografia, deixando muitas marcas e inúmeras indagações a partir das interpretações sobre o assunto. É nesse sentido, que a escolha do tema desse trabalho se justifica. Muitas dessas fontes carregam uma perspectiva parcial e foram interpretadas a partir desse olhar e das leituras que tomaram esse olhar como verdadeiro sobre o evento. Por este motivo, é importante lançar um novo olhar sobre esses documentos e, neste caso, a fonte escolhida para tal análise é o livro de Ângelo Dourado.

O objetivo desse trabalho se constitui em analisar de qual maneira o federalismo é exposto na obra *Voluntários do Martírio de Ângelo Dourado*. O autor se tornou testemunha dos acontecimentos que marcaram aquele episódio. Logo após republicanos e federalistas terem deposto as armas, Ângelo Dourado converteu esta experiência registrada em diário para o formato de livro, publicado em 1977., sob o título *Voluntários do martírio: narrativa da Revolução de 1893*. O livro, que será a fonte documental deste trabalho, traz as memórias do autor por meio dos seus relatos, que acompanham o dia a dia dos acontecimentos da Revolução.

A pesquisa está dividida em dois capítulos. No primeiro capítulo, procurou-se caracterizar a Revolução Federalista e porque esse conceito é empregado em sua definição. Nesse sentido, procurou-se compreender como o federalismo de influência estadunidense foi adotado nessa região a partir dos estudos do historiador Rafael Sêga em *Tempos Belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*³, na tentativa de compreender o uso do termo. No segundo capítulo buscou-se analisar o discurso de Ângelo Dourado, atentando para seu caráter memorialístico, analisado à luz das reflexões sobre o conceito de memória de Jacques Le Goff em *História e Memória*⁴ e de Jacy Alves de Seixas em *Percursos de Memórias em Terras de História: problemas atuais*⁵. A partir da análise do discurso de Dourado, procurou-se estabelecer a relação entre discurso,

³ SÊGA, Rafael A *Tempos Belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Instituto Memória 2008, p.117.

⁴ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990, p.423

⁵ SEIXAS, Jacy Alves de. "Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais", In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (org.) *Memória e (res)sentimento: Indagações sobre uma questão possível*. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

memória e ideologia. Para isso, contou-se com o apoio de Eni Puccinelli Orlandi a partir da obra *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*.⁶

⁶ ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009.

1 A REVOLUÇÃO FEDERALISTA NA HISTÓRIA DO BRASIL

A formação da República no Brasil foi marcada por confrontos políticos e ideológicos, que resultaram no episódio da Revolução Federalista de 1893. A historiografia sobre o tema sinaliza que os principais conflitos relacionados a esse evento ocorreram nos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina.

O historiador Rafael A. Sêga, observou que a produção historiográfica sobre o evento ainda abre caminhos para diversas pesquisas, pois a maioria das obras tratou o tema a partir de uma abordagem factual, sem problematizar os acontecimentos.⁷

A produção da história da Revolução Federalista é formada por diferentes interpretações, produzidas por autores com ideologias divergentes, sendo o engajamento político-partidário uma das características predominantes nessas reflexões.

Ao longo de pelo menos duas décadas, as narrações/descrições/interpretações acerca dos acontecimentos inerentes à Revolução Federalista foram entabuladas de forma engajada e sob o prisma das convicções e/ou paixões partidárias. Deste modo, o conflito entre maragatos e pica-paus se estenderia para além das atividades bélicas, deixando uma grande herança representada pelos confrontos discursivos. Nos artigos de jornais, em folhetos e em livros, as forças divergentes digladiaram-se entre si, cada qual defendendo suas ideias e atacando as dos adversários, além de buscarem construir elementos explicativos/argumentativos para descrever a recente história gaúcha a partir de seus respectivos pontos de vista.⁸

Oliveira explica que a produção acadêmica sobre o conflito poderia ser dividida em duas perspectivas: a primeira consiste em trabalhos de autores comprometidos com ideais de algum dos lados, já a segunda apresenta trabalhos sem comprometimento ideológico.⁹

No primeiro grupo, pode-se citar o trabalho dos pró-federalistas José do Patrocínio Motta em *República Fraticida: as revoluções rio-grandenses (1835-*

⁷ SÊGA, Rafael A. *Tempos Belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Instituto Memória 2008, p.117.

⁸ ALVES, Francisco das Neves. *Uma introdução ao estudo da historiografia acerca da Revolução Federalista*. In ALVES, Francisco das Neves. *Revolução Federalista: história e historiografia*. Rio Grande: Editora da FURG, 2002, p.45.

⁹ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Os 120 anos da Guerra Civil de 1893*. Revista História, v. 4, n. 2, p.138-139. Disponível em: <https://www.seer.furg.br/hist/article/view/3669/0> Acesso em : 07 janeiro. 2017.

1932)¹⁰, e Sérgio da Costa Franco em *Júlio de Castilhos e sua época*¹¹ e *A Guerra Civil de 1893*¹². No segundo grupo, tem-se a obra *Revolução Federalista* de Sandra Pesavento¹³, *Rio Grande do Sul: aspectos da Revolução de 1893* de Moacyr e Hilda Flores¹⁴ e *Pensar a Revolução Federalista*, uma coletânea de estudos organizados por Francisco das Neves Alves e Luís Henrique Torres¹⁵.

Pode-se ainda utilizar como exemplo desse olhar partidário, a obra de Wenceslau Pereira Escobar (1857-1938), publicada pela primeira vez em 1920. O autor do livro *Apontamentos para a história da Revolução Rio-Grandense (1893)*¹⁶, era ligado ao Partido Republicano Federalista, opositor à ordem política republicana castilhistaborgista¹⁷. Escobar era advogado e jornalista, produzia textos críticos em oposição aos primeiros governantes republicanos do Estado do Rio Grande do Sul. Pode-se dizer que a obra do autor é uma combinação de memória e denúncia porque ele apontou a situação política do país gerando debates entre os historiadores da época.

Nesse sentido, a visão de Escobar sobre a Revolução tem se tornado uma crescente fonte de pesquisa por “rememorar” um dos conflitos considerados, na opinião de alguns historiadores, um dos mais violentos da história do Brasil. Os autores que trataram do tema, muitas vezes não conseguiram esconder sua própria subjetividade, o que estabelece disputas na própria produção historiográfica.

Entre as obras não-partidárias se destaca o livro intitulado *Rio Grande do Sul: aspectos da Revolução de 1893* de Moacyr e Hilda Flores. Os autores tratam da Revolução como um conflito, destacando as diferentes tendências partidárias no cenário do acontecimento e situam a obra de Ângelo Dourado como memória e como uma produção historiográfica.

¹⁰ MOTTA, José do Patrocínio. *República Fratricida: revoluções rio-grandenses de 1835- 1932*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1989.

¹¹ FRANCO, Sérgio da Costa. *Júlio de Castilhos e sua época*. 3ª ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.

¹² FRANCO, Sérgio da Costa. *A Guerra Civil de 1893*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1993.

¹³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Revolução Federalista*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

¹⁴ FLORES, Hilda Agnes Hübner; FLORES, Moacyr. *Rio Grande do Sul: aspectos da Revolução de 1893*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993.

¹⁵ ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique (orgs.). *Pensar a Revolução Federalista*. Rio Grande: Editora da Fundação Universidade de Rio Grande, 1993.

¹⁶ ESCOBAR, Wenceslau. *Apontamentos para a História da revolução Rio-grandense de 1893*. 2ª ed. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1920.

¹⁷ Regime imposto no Rio Grande do Sul com caráter autoritário e conservador.

Ao pesquisar as obras que abordam o período é possível perceber que o termo mais utilizado ao descrever o conflito é Revolução. A historiadora Sandra Jatahy Pesavento definiu a Revolução Federalista como um movimento de contestação, ou seja, uma revolta na qual os envolvidos se apoderaram de armas para demonstrar a insatisfação em decorrência da situação política e social do país no período.¹⁸

Segundo o historiador Rafael Sêga, a Revolução Federalista é a “denominação mais conhecida da série de conflitos armados que ocorreram nos três Estado do sul do Brasil entre 1893 e 1895”. Sêga aponta as divergências na designação do acontecimento. Conforme esse autor, alguns autores definem este evento como “guerra civil” enquanto outro inclusive Ângelo Dourado, como revolução.¹⁹

Há divergências também quanto ao fator cronológico do conflito. Segundo Sêga, alguns autores paranaenses definem como a Revolução de 1893 como “Revolução de 1894”, justificado pelo ano que os federalistas ocuparam o Estado do Paraná. Já Davis Ribeiro Sena, aponta o marco inicial do conflito em 1892, pois de acordo com ele foi nesse período que as divergências começaram, por meio de um manifesto público assinado por treze almirantes e por generais em 31 de março de 1892, quando a legalidade do governo de Floriano foi questionada.²⁰

1.1 O NOVO REGIME E O FEDERALISMO

O Brasil passou por uma crise durante a implantação da República. O historiador Rafael Sêga considera que esta crise foi, antes de mais nada, uma crise de legitimidade.²¹ Segundo o autor, a nova ordem política levou os novos atores a sobrepor as instituições e os governantes do período anterior, sendo esse caminho traçado à força e à violência.

¹⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *op.cit.* p.7.

¹⁹ SÊGA, Rafael. *Revolução Federalista, 110 anos*. História & Perspectivas, Uberlândia, (29 e30) : 177-215, Jul./Dez. 2003/Jan./Jun. 2004, p.185

²⁰ SENA, Davis R. de. *O grande desafio brasileiro: guerra civil 1892/5*. Rio de Janeiro: Ed. de autor, 1995

²¹ SÊGA, Rafael A. *Revolução Federalista, 110 anos*. Revista História & Perspectivas, Uberlândia, (29 e30): 177-215, Jul./Dez. 2003/Jan./Jun. 2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/19148/10295>>

Mas, toda essa disputa de poder começou com a República Velha (1889-1930), também conhecida como República da Espada, denominação atribuída por serem os presidentes do novo regime, militares. De 1889 até 1891, ocorreu o governo provisório, tendo como presidente Marechal Deodoro da Fonseca, executor do golpe que derrubou a Monarquia e instituiu a República em 15 de novembro de 1889. Quando Deodoro assumiu teve como missão tomar as primeiras medidas para o estabelecimento do regime republicano, permanecendo no poder até que ocorressem as eleições para a escolha do primeiro presidente do Brasil. Conforme Sêga:

Em termos nacionais, a instalação relativamente tranquila do regime republicano fez com que seu artífice, marechal Manuel Deodoro Fonseca (1827–1892), assumisse a presidência do mesmo e tomasse as primeiras medidas para a sua estabilização, formando o primeiro gabinete republicano com ministros civis e militares engajados na ruptura, como se vê a seguir: Pasta da Justiça – Campos Sales (cafeicultor paulista), Pasta da Guerra – Benjamin Constant (positivista, ocuparia a Pasta da Instrução Pública, Correios e Telégrafos no ano seguinte), Pasta das Relações Exteriores – Quintino Bocaiúva (republicano “histórico”), Pasta da Marinha – Eduardo Wandenkolk (militar de carreira), Pasta do Interior – Aristides Lobo (republicano “histórico”), Pasta da Agricultura, Comércio e Obras Públicas – Demétrio Ribeiro (positivista) e Pasta da Fazenda– Rui Barbosa (ex-liberal). A consumação do regime se daria dois dias depois com a partida de Dom Pedro II para Paris.²²

Em 1891 aconteceu a primeira eleição presidencial e, para a surpresa de muitos, o próprio Marechal Deodoro da Fonseca foi eleito para o mandato (1891-1894), e como vice, Marechal Floriano Peixoto. No mesmo ano de sua posse Marechal Deodoro renunciou ao cargo de Presidente. O governo de Deodoro se caracterizou pelo autoritarismo, o que gerou muitos adversários políticos no meio civil, fator que poderia prejudicar a posse do vice, Floriano Peixoto. De acordo com Rafael Sêga:

A antipatia entre Deodoro e os “casacas” (civis) era recíproca em razão de seu afastamento dos interesses dos cafeicultores paulistas, e o seu mandato constitucional foi marcado por atitudes autoritárias de sua parte, homem acostumado com a disciplina dos quartéis. Em verdade, o pacto circunstancial realizado pelos parlamentares para a primeira eleição presidencial desagradou os setores que se intitulavam “defensores do 15 de novembro”, como as oligarquias regionais, os ex-liberais, os republicanos históricos e militares não positivistas. Tais setores passaram a fazer oposição

²² SÊGA, Rafael A. *Tempos Belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Instituto Memória 2008, p.60.

sistemática a Deodoro. Oportunista, Floriano aderiu a esse bloco de descontentes.²³

Sêga explica que a instalação do Regime Republicano no Brasil exigia um novo pacto político em torno de um bloco no poder.²⁴ Segundo o autor, este bloco deveria conciliar os interesses da economia cafeeira com a manutenção da unidade nacional, e é exatamente o que os governos militares de Deodoro e Floriano foram capazes de consolidar de forma coercitiva.

Diante da posse de Floriano Peixoto, houve oposições com a alegação de desrespeito à Constituição. De acordo com Rafael Sêga “No artigo 42 da Constituição da República previa que no caso de vaga, por qualquer causa da presidência ou vice-presidência, por qualquer causa não houvessem ainda decorridos dois anos do período presidencial, proceder-se-á a nova eleição”.²⁵ Porém, Floriano não acatou o dispositivo constitucional e contou com o apoio do Partido Republicano Paulista para manter-se no poder.

Assim como seu antecessor, o marechal Floriano era um veterano “tarimbeiro” da Guerra do Paraguai, e, apesar de ter sido ministro da Guerra do Governo Provisório em 1890, Floriano representava, no meio militar, uma ala mais envolvida com a causa dos republicanos “históricos”.²⁶

José Murilo de Carvalho aponta que esse palco de instabilidade política abriu caminho para uma série de conflitos entre os grupos que estavam no poder:

Houve choques entre civis e militares, entre militares da Marinha e do Exército, entre republicanos presidencialistas e parlamentaristas, entre brasileiros e portugueses, entre monarquistas e republicanos, entre jacobinos e liberais. Daí a sequência de golpes, revoltas militares, guerras civis, greves e assassinatos políticos que agitaram os anos seguintes à proclamação.²⁷

Setores populares tomaram conta do cenário político, demonstrando autonomia. Entre os envolvidos estavam operários, artesãos, soldados, marinheiros e pequenos proprietários.²⁸ Isso aconteceu porque não havia unidade no exército brasileiro. Nesse sentido, no início de 1892, Floriano começou a se deparar com as primeiras revoltas militares contra o seu mandato. Insatisfeito com as atitudes dos revoltosos, decretou a

²³SÊGA, Rafael, *op. cit.* pp-65-66.

²⁴SÊGA, Rafael, *op. cit.* p.178-179.

²⁵SÊGA, Rafael, *op. cit.* p.76.

²⁶SÊGA, Rafael, *op. cit.* p.68.

²⁷CARVALHO, José Murilo de. *Os três povos da República*. REVISTA USP, São Paulo, n.59, setembro/novembro 2003, p.97. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/13279/15097>

²⁸CARVALHO, José Murilo de. *Op. cit.*, p.98.

prisão dos envolvidos. Também deu ordem de deportação para parlamentares oposicionistas, jornalistas e militares para regiões distantes da Amazônia.²⁹

Para Rafael Sêga, a Constituição de 1891 adotou o federalismo de inspiração estadunidense, por permitir a autonomia política e administrativa dos Estados.³⁰ Essa inspiração vinha de uma admiração que os governantes brasileiros tinham pelos Estados Unidos, sendo essa uma referência de grande nação que um dia o Brasil poderia se tornar. Dessa forma, idealiza-se a forma organizacional dos EUA: o federalismo.

No entanto, é importante lembrar que o Federalismo é um sistema de governo que pode assumir inúmeras formas. Dessa forma, o regime republicano no Brasil teve várias influências, conforme destaca Rafael Sêga:

Em suma, podemos inferir que o projeto republicano no Brasil- se alimentou de várias influências: o abolicionismo dos “radicais” do Partido Liberal, o trâmite político dos republicanos “históricos”, o federalismo e o liberalismo econômico dos cafeicultores paulistas e, por fim, o autoritarismo positivista de alguns oficiais (os “bacharéis fardados”) do Exército, que, junto a outros setores militares mais tradicionais (os “tarimbeiros”), acabaram tomando para si a missão de desfraldar o novo regime.³¹

A instalação do regime republicano no Rio Grande do Sul teve influência positivista. Sêga aponta que os positivistas consideravam Júlio Prates de Castilhos, governador do Rio Grande do Sul, mentor dos ideais positivistas. Castilhos era militante do Partido Republicano Rio-Grandense, fundado em 1882 e escrevia para o jornal *A Federação*. Suas propostas políticas eram baseadas nas ideias de Augusto Comte, visando o progresso através da ordem e da ciência.

O projeto político de Castilhos apresentava como ideais a expansão das relações capitalistas e o desenvolvimento do estado gaúcho por meio de melhorias na educação, comunicação, transporte, indústria e agricultura. O fato é que o governo de Castilhos tinha como base uma modernização conservadora. Diante disso, não haveria mudanças

²⁹SÊGA, Rafael, *op. cit.* p.83.

³⁰SÊGA, Rafael, *op. cit.* p.183.

³¹SÊGA, Rafael, *op. cit.* p.56.

na estrutura social, pois de acordo o projeto, o proletariado deveria ser incorporado na sociedade de modo paternalista.³²

Em 1890, Castilhos foi eleito deputado do Congresso e elaborou a primeira República. Sérgio da Costa Franco destaca que foi a partir desse ato que Castilhos passou a defender o ultrafederalismo, bem como o projeto político jacobino.³³ Em 14 de Julho de 1891, promulgou uma nova Constituição Estadual e, logo em seguida, foi eleito presidente do Estado do Rio Grande do Sul

Castilhos procurou criar um governo autoritário de inspiração positivista. Com a nova Constituição, o grupo ligado a Júlio de Castilhos assegurou-se perpetuamente no poder, pondo fim ao revezamento dos tempos imperiais. Estava plantada a semente da discórdia que traria como fruto dois anos e meio de uma guerra cruel e fratricida.³⁴

A visão de que o Brasil era um país atrasado foi discutida por muitos brasileiros e estrangeiros, principalmente europeus, que acreditavam que o governo brasileiro precisava impor uma direção definida e por isso era importante romper com a estrutura estatal imperial através da república. Para exemplificar a situação do país desde o Império com relação à estrutura política, José Murilo de Carvalho³⁵ utiliza uma tabela elaborada pelo biólogo francês Louis Couty³⁶, que tentou pela primeira vez, em 1881, quantificar o povo político do Brasil. Segundo Couty, o povo político do Brasil era composto pelos seguintes grupos, conforme tabela abaixo.

³²SÊGA, Rafael. *id. ibid.* p.59.

³³FRANCO, Sérgio da Costa. *Júlio de Castilhos e sua época*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996, p.82.

³⁴SÊGA, Rafael A. *Tempos Belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos/CEFET-PR, 2005, p.60.

³⁵CARVALHO, José Murilo de. *Os três povos da República*. REVISTA USP, São Paulo, n.59, setembro/novembro 2003, p.97. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/13279/15097>

³⁵ CARVALHO, José Murilo de. *op. cit.*, p.98.

³⁶ As ideias de Louis Couty (1854-1884) faziam críticas ao Império e visavam novos projetos de nação. Defendia a criação de laboratórios experimentais no Brasil. Chegou no país em 1879.

O POVO DO BRASIL SEGUNDO COUTY, 1881

População total	1 1.000.000
Índios e escravos	2.500.000
Agregados, caipiras, capangas, capoeiras, beberrões	6. 000.000
Comerciantes, funcionários, criados, artesãos	2.000.000
Proprietários de escravos	500.000

Fonte: Couty, 1988, p.102.

De acordo com a análise do biólogo, o censo apontava a ausência de massas organizadas, agrícolas ou industriais e de eleitores capazes de impor ao governo uma direção definida. Com isso, Couty concluiu que o “o Brasil não tem povo”, que o povo brasileiro não possuía voz na política como os países ditos “civilizados”. Nesse sentido, Carvalho explica que diante dessa ausência de povo político, segundo a constatação de Couty, a presença do Poder Moderador era necessária para administrar os estados maiores nos quais se situavam as classes dirigentes.³⁷

Sobre a Revolta Federalista no Rio Grande do Sul, José Murilo de Carvalho comenta que muitos combatentes provinham das estâncias, onde trabalhavam como peões.. A modernização conservadora entre 1870 e 1914, não aconteceu exatamente como se esperava, pois a tradição foi mais forte, deixando enraizados valores de uma sociedade rural, patriarcal e hierárquica, na qual esteve inserida a Revolução Federalista.³⁸

1.2 REPUBLICANISMO *VERSUS* FEDERALISMO

Durante o processo de implantação da república, o Rio Grande do Sul estava dividido, havendo duas correntes políticas nesse cenário: os republicanos castilhistas e os parlamentaristas gasparistas.³⁹

³⁷ CARVALHO, José Murilo de. *id. ibid.*, p.98.

³⁸ CARVALHO, José Murilo de. *Op. cit.* p.67.

³⁹ SÊGA, Rafael. *,op. cit* p.68.

No Rio Grande do Sul havia, de um lado, os republicanos, defensores do desenvolvimento econômico geral, com o apoio dos empresários, pequenos comerciantes, agricultores e do Exército; e de outro, os federalistas, defensores da República parlamentar liberal, apoiados por pecuaristas da Campanha, *a grosso modo*.⁴⁰

Apesar de se declarar contrário à postura de Deodoro, Júlio de Castilhos, então governador do Rio Grande do Sul, manteve-se reservado diante do golpe republicano. Visto que Deodoro planejava fechar o Congresso, Castilhos não se mobilizou frente à tal atitude, o que não agradou a oposição. Quando Castilhos resolveu se declarar contra o golpe, já era tarde demais, pois o Rio Grande do Sul se mobilizava “com rebeliões militares em São Borja, Uruguaiana, Alegrete, Bagé, Jaguarão, Rio Grande, São Gabriel e Quaraí, manifestações civis em Porto Alegre e Bagé e, na serra gaúcha, o líder Antônio Prestes Guimarães alardeou ter 2.500 homens para a pugna”.⁴¹

Com isso, muitos exigiam a renúncia de Castilhos. Acuado, acabou abandonando o cargo em 12 de novembro de 1891, deixando um clima de tensão no Rio Grande do Sul. Nesse mesmo período, foi fundado o Partido Federalista Brasileiro, em Bagé. Gaspar da Silveira⁴² Martins tomava a frente do partido, que também era composto por antigos adeptos do Partido Liberal. No entanto, no final de janeiro de 1893, Júlio de Castilhos voltou para a presidência por meio das eleições e logo começou o clima de guerra. Republicanos e federalistas já haviam se preparado para a guerra: republicanos contavam com o apoio da Brigada Militar, criada um pouco antes da volta de Júlio de Castilhos à presidência; federalistas se articulavam com o exército.

A partir daí, os federalistas iniciaram um combate contra Júlio de Castilhos. As propostas federalistas versavam sobre a revisão da Constituição Estadual e o fortalecimento do poder federal por meio do parlamentarismo.⁴³ Viam no positivismo castilhista uma ameaça e acreditavam que este “feria as “sacros-santas” liberdades individuais resguardadas pela doutrina liberal”.

Com esse palco de instabilidade política, o processo de instalação do regime republicano no Brasil aconteceu sobre a pressão de vários grupos, que exigiam a

⁴⁰SÊGA, Rafael. *op. cit* p.84.

⁴¹SÊGA, Rafael. *op. cit* p.69.

⁴² Foi senador, deputado, ministro de fazenda, conselheiro do Estado e Presidente da Província do Rio Grande do Sul. Defendia a reforma constitucional e a adoção do parlamentarismo.

⁴³SÊGA, Rafael. *id.ibid*.p.69.

concretização de seus projetos de sociedade. Na definição de Rafael Sêga, o que se têm é a consolidação de um federalismo desigual e a construção de um Estado nacional liberal, oligárquico no conteúdo. É diante desse ideal que a Revolução Federalista surgiu como uma “insubordinação inicialmente regional, mas que conseguiu aglutinar insatisfações nacionais.”⁴⁴

Formalmente, a Revolução Federalista tem como baliza inicial a invasão de uma coluna de maragatos de Gumercindo Saraiva (1851–1894) ao Rio Grande do Sul em 05 de fevereiro de 1893, quando, vindos de Aceguá, no Uruguai, eles transpuseram a fronteira e acamparam em um capão em Ana Correia, próximo ao rio Jaguarão, no município de Bagé.⁴⁵

Saraiva foi um dos comandantes das tropas rebeldes durante a Revolução Federalista. Nasceu em Arroio Grande (RS), mas viveu boa parte de sua vida no Uruguai. Em 1880 mudou-se para Vitória do Palmar (RS). Durante o Império esteve ligado ao Partido Liberal e recusou-se a entrar no Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), liderado por Júlio de Castilhos. Em meio às divergências com os membros do PRR, Saraiva foi perseguido e preso sobre acusação de assassinato. Mas conseguiu escapar da prisão e se refugiar no Uruguai. Retornou ao Rio Grande do Sul em novembro de 1891, logo após a renúncia de Júlio de Castilhos. No entanto, voltou para o Uruguai e aliou-se a Gaspar Silveira Martins, ex-líder do Partido Liberal no período Imperial, com o intuito de voltar ao poder do Rio Grande do Sul, por meio de uma revolução. Silveira Martins criou o Partido Federalista para fazer oposição ao PRR de Júlio de Castilhos e Saraiva tornou-se partidário de Martins.

Já os republicanos foram influenciados por ideias positivistas e liderados por Júlio de Castilhos, que se aliou mais tarde aos militares.⁴⁶ Na visão deste grupo, a República deveria ser autoritária e comandada por uma elite com conhecimento técnico. Esta elite seria apoiada por um programa que buscava desenvolvimento capitalista global para o Estado.

⁴⁴SÊGA, Rafael. , *id.ibid.*p.83.

⁴⁵SÊGA, Rafael A. *Tempos Belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos/CEFET-PR, 2005, p.87.

⁴⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Revolução Federalista: memória revisitada*. In: POSSAMAI, Zita (org). *Revolução Federalista de 1893*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1993.

A elite que compunha o grupo dos republicanos era proveniente do litoral e da região serrana, locais que possuíam muitos imigrantes. Esta parcela da população formou uma elite disposta a monopolizar o poder. Dessa forma, os castilhistas mobilizaram a sociedade em seu favor e contavam com o Exército e a Brigada Militar.

O aparato burocrático castilhista foi montado no intuito de afastar qualquer outro grupo dos espaços do poder político-institucional, e a única alternativa encontrada pelos liberais gasparistas foi o confronto armado o que guardadas as devidas peculiaridades regionais, foi imitado pelos congêneres paranaenses.⁴⁷

Segundo Franco, a composição social dos federalistas era muito expressiva, pois havia prestígio social, recursos financeiros e tradição.⁴⁸ Isto porque esse grupo era composto por uma elite tradicional, ligada ao comércio e ao contrabando da zona da fronteira. Além disso, o Partido Federalista recebeu ex-liberais e alguns ex-conservadores. Em 1892, Gaspar Silveira Martins realizou o Congresso Federalista em Bagé, ocasião em que foi definida a política oposicionista do PFB ao Governo do Estado.

Os federalistas defendiam o estabelecimento de uma república parlamentar e a eleição do Chefe de Estado pelo Parlamento. Com o intuito de atender diferentes setores sociais, defendiam também a representação das minorias no Legislativo. Para os federalistas, o castilhismo representava um governo cruel e opressor, pois mantinha o poder centralizado.

Segã aponta que o Exército Libertador, como ficou conhecido na época, era a união das forças federalistas, ou seja, era a soma dos aliados que o grupo possuía de acordo com a região de dominação. Já, a outra parte do grupo, era formado por agregados regidos por algum homem forte local.⁴⁹ Adeptos da tática de guerrilhas, os federalistas eram cautelosos e evitavam o confronto direto com o exército adversário. Também acreditavam seriamente na causa, estavam cientes da insatisfação popular com o governo constituído e por isso confiavam que a população civil iria aderir a causa junto à eles.

⁴⁷ SÊGA, Rafael A., *op.cit.* p. 22.

⁴⁸ FRANCO, Sérgio da Costa. *Júlio de Castilhos e sua época*. 3 a ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.

⁴⁹ SÊGA, Rafael A., *op.cit.* p.99.

Flores afirma que a Revolução Federalista durou 31 meses e deixou de 10 á 12 mil mortos numa população de quase um milhão de habitantes.⁵⁰ Sobre o término do conflito, Rafael Sêga comenta que o “marco de encerramento mais difundido é a assinatura do *Armistício de Piratini*⁵¹, firmado entre republicanos e federalistas em 23 de agosto de 1895, lavrado no município de Pelotas”.⁵²

Segundo Franco, o primeiro conflito entre federalistas e as forças legalistas ocorreu em 11 de fevereiro de 1893.⁵³ Entre os rebeldes de Saraiva estava o médico baiano Ângelo Cardoso Dourado, tendo participado dos embates da Revolução desde o início até seu fim, em 1895. Durante essa empreitada, Dourado registrou sua experiência dos campos de batalha.

2 ATUAÇÃO DE ÂNGELO DOURADO NA REVOLUÇÃO FEDERALISTA

Ângelo Cardoso Dourado pode ser entendido como um autor com abordagem opositora ao castilhismo, isso porque ele tomou partido dos fatos durante seus registros. Assim, sua escrita revela engajamento político-partidário e utiliza como estratégia discursiva a ideia de que estaria escrevendo em nome de uma suposta “verdade histórica”. Diante dessa estratégia, é possível analisar a obra *Voluntários do Martírio*(1896) de Ângelo Dourado como fonte de um discurso político-ideológico em defesa do federalismo como causa legítima.

Um dos escritos memorialísticos sobre a Revolução Federalista mais conhecidos é a narrativa de Ângelo Dourado, tenente-coronel médico do exército federalista e membro da tropa rebelde chefiada por Gumercindo Saraiva. *Voluntários do Martírio* foi uma obra publicada no ano seguinte ao término do conflito e consiste em uma rica fonte para o estudo da Revolução Federalista.⁵⁴

Os primeiros registros de Ângelo Dourado em *Voluntários do Martírio* começam com uma carta redigida à sua esposa datada de 23 de julho de 1893. No livro

⁵⁰ FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. 5 a Ed. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1996, p.168.

⁵¹ Acordo de paz do conflito.

⁵² SÊGA, Rafael A., *op.cit.* p.87.

⁵³ FRANCO, Sérgio da Costa. *Júlio de Castilhos e sua época*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996, p.133.

⁵⁴ OLIVEIRA, *op. cit.*, p.138.

é possível notar até mesmo versos românticos que o autor direcionava para a amada. No entanto, o conteúdo exposto no diário vai além. Ele procurou relatar os conflitos mais intensos nos campos de batalha durante a Revolução.

Franco explica que os relatos de Dourado foram escritos primeiramente como cartas, depois, tomou formato de um diário organizado pelo autor para ser publicado como livro e recebeu o nome de *Voluntários do Martírio – Factos da Guerra Civil* (segundo ortografia da época), sendo publicado ao final do conflito pela Livraria Americana, em 1896.⁵⁵

O historiador Marcelo França de Oliveira no livro *Quando a memória vira História: Ângelo dourado e a historiografia sul-riograndense*⁵⁶, faz uma análise do discurso de Ângelo Cardoso Dourado na narrativa de *Voluntários do Martírio*. O autor constatou que o discurso no diário do médico baiano é voltado para um leitor contemporâneo, pois demonstrava um interesse em convencê-lo de uma visão federalista do acontecimento. Mas, apesar de tomar partido diante da revolução, demonstrando que a luta armada era uma causa justa e talvez, exatamente por este motivo, a obra de Dourado é referência para a escrita da história da Revolução Federalista.

A obra do médico baiano foi bastante utilizada/recomendada por aqueles que escreveram a história do Rio Grande do Sul, de modo geral, e da Revolução federalista, de modo específico, desde Guilhermino Cesar, Dante de Laytano e Sérgio Costa Franco, de um lado, e Joseph Love, John Chasteen, Sandra Pesavento, Moacyr Flores, Helga Piccolo, Nuncia Constantino, entre outros, de outro. Todos eles atestando a importância do testemunho de Dourado para ilustrar ou explicar alguns aspectos da guerra.⁵⁷

Pode-se perceber que a obra de Ângelo Dourado foi e ainda é muito utilizada, porém quando se trata da biografia do autor existe uma falta de consenso. Oliveira comenta que *Voluntários do Martírio* é utilizado para descrever os episódios da guerra, mas os pesquisadores que a tomam como base para isso, não se perguntam quem foi Ângelo Cardoso Dourado:” Se a obra muito se utilizou, do autor pouco se

⁵⁵OLIVEIRA, Marcelo França de. *Quando a memória vira História: Ângelo dourado e a historiografia sul-riograndense*. Rio Grande: Pluscom, 2009, p. 21.

⁵⁶ OLIVEIRA, Marcelo França de. *op. cit.* p.22.

⁵⁷OLIVEIRA, Marcelo França de. *op. cit.* p.42

indagou. São escassas e, em sua maioria, antigas as fontes que lhe creditam algumas linhas”.⁵⁸

Oliveira ainda explica que menos de uma dezena das obras dedicam linhas à Dourado e quando abordam algo sobre o autor, não é nada muito expressivo, como verbetes ou rápidas citações. A maioria são de listagem da Editora Martins Livreiro.⁵⁹

Ângelo Cardoso Dourado⁶⁰ nasceu em Salvador - Bahia, no dia 6 de outubro de 1856, e faleceu na cidade gaúcha do Rio Grande, em 23 de outubro de 1905. Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1880. Também foi político e escritor, atingindo considerável projeção política nos municípios de Bagé, Jaguarão, Santa Vitória do Palmar e Rio Grande, no Rio Grande do Sul.⁶¹ Em relação à sua vida política, Dourado foi membro do Partido Federalista e é apontado por Sérgio da Costa Franco como uma figura importante dentro dele:

Subscreveram o manifesto [do partido federalista, no Congresso de Bagé em 1892], além de Gaspar Silveira Martins, os três Silva Tavares – Joca, Francisco e José Bonifácio-, Rafael Cabeda, mais além de uma figura estelar do Partido, o médico Ângelo Dourado, cronista da obra *Voluntários do Martírio*, e outras figuras de destaque.⁶²

Apesar do coronel-médico demonstrar um “espírito” de combate durante a narrativa, afirmava não ser militar fora da guerra civil.⁶³ Já sobre sua vida familiar, pode-se dizer que o escritor era casado com uma moça de família tradicional e deixa isso claro na seguinte passagem:

Quando te uniste a mim já me conhecias e foi por isso que eu te amei, não foi a tua beleza, não foi o teu nome tradicional de família, - amei o amor que

⁵⁸ OLIVEIRA, Marcelo França de. *op. cit.* p.42.

⁵⁹ OLIVEIRA, Marcelo França de. *id. bid.* p.42.

⁶⁰ Neste trabalho será feita uma breve descrição da biografia de Ângelo Dourado, no sentido de posicionar a importância da obra em questão. É importante lembrar que não existem dados biográficos substanciais conhecidos sobre o autor.

⁶¹ OLIVEIRA, Marcelo França de. *A trincheira discursiva: escritos políticos de Ângelo Dourado em livros e na imprensa Rio-Grandina na formação do Rio Grande do Sul Republicano (1893-1905) – Usos e possibilidades para a pesquisa e ensino de história no ensino superior. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e da Informação, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 2014, p.19. Disponível em: <http://www.poshistoria.furg.br/images/stories/dissertacoes/tcm-marcelofrana.pdf> Acesso em: 07 de jan. 2017.*

⁶² FRANCO, Sérgio da Costa. *O Partido Federalista. In República Velha (1889-1930)*. Coordenação geral Tau Golin, Nelson Boeira; diretores do volumes Ana Luiza Setti Reckziegel, Gunter Axt . – Passo Fundo: Méritos, 2007 - v. – t.1 – Coleção História Geral do Rio Grande do Sul, p.135.

⁶³ DOURADO, Ângelo. *Voluntários do Martírio: narrativa da revolução de 1893*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1977, p.407.

tu me deste. Depois deste-me o que pode encher de orgulho a um homem forte: deste-me filhos fortes, robustos, bellos de causar inveja.⁶⁴

Tinha quatro filhos, cujos nomes eram Ângelo, Chiquinha, Laura e Telêmaco.⁶⁵ Além de médico, foi presidente da Junta Municipal, era uma figura de prestígio e fazia parte da elite sócio-econômica do Rio Grande do Sul.

Quando se envolveu no conflito entre Federalistas e Republicanos se tornou coronel-médico do Exército Libertador. Diante disso, se deslocou entre os Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. E foi nessa trajetória, por meio de suas observações, que registrou os acontecimentos no campo de batalha.

O médico emigrou para Melo, no Uruguai, no ano de 1892. Lá exerceu a medicina. Nesse período, se aliou as tropas federalistas, em oposição aos ideais governistas. Com o fim da revolta, Dourado ficou no Rio Grande do Sul atuando como médico na cidade de Rio Grande.

Ângelo Dourado também era escritor, porém não produziu apenas trabalhos relacionados à medicina. Escreveu o drama *O médico dos Pobres* (1876) e *As minas de Ouro* (1897). Entre suas obras, a que teve mais alcance foi *Voluntários do Martírio* (1896), testemunho da sua participação na Revolução Federalista.

Em algumas passagens de *Voluntários do Martírio*, Dourado fez críticas ao Governo. Dizia ele: “A revolução é um protesto do povo contra seu governo”. Enfatizava ser o médico dos pobres, sensível às enfermidades da população, causadas pelas atitudes do governo.

Eu não encaro uma revolução como as guerras internacionaes em que as batalhas decidem num momento o direito do mais forte. A revolução é um protesto do povo contra seu governo. Sou medico e medico dos pobres, portanto tenho visto mais enfermos do que os de meu tempo e comparo a nossa terra a um enfermo. Qual a moléstia? A revolução. Qual a causa? O Governo.⁶⁶

Neste trecho, Dourado afirma enxergar a revolução além de uma batalha, onde a força dos adversários é que define o vencedor. Ele enfatizou que a essência da

⁶⁴DOURADO, *op.cit.*p.8.

⁶⁵DOURADO, *op.cit.*pp.108-120.

⁶⁶ DOURADO, Ângelo. *Voluntários do Martírio*: narrativa da revolução de 1893. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1977, p.13.

revolução é o protesto do povo contra seu governo. Explicou que como médico dos pobres, nunca tinha visto tantos enfermos e afirmou que a terra estava doente por causa da Revolução, cujo culpado era o próprio governo. Nesta passagem destacou sua insatisfação com a proporção assumida pelo conflito, porém em nenhum momento afirmou que a revolução armada não era necessária.

Como é possível perceber, Ângelo Dourado era uma figura ativa na sociedade intelectual, da qual participava com debates políticos e com a sua escrita. Por esse motivo, desenvolveu a habilidade do discurso. Segundo Oliveira, “Dourado acreditava firmemente no poder do convencimento da palavra escrita, e a usava sempre que possível”.⁶⁷

É a partir desse ideal que Dourado utiliza seu discurso como uma ferramenta de convencimento de sua causa como legítima e justa. Nesse sentido, sabe-se que um discurso carrega uma ideologia e no caso de Dourado isso é evidente.

Segundo a definição de Eni Orlandi, o discurso é o “lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia”.⁶⁸ Para ela, a análise de um discurso requer que se pense a língua além de um sistema abstrato e formal, muito menos pensar o sujeito como princípio dos sentidos. Isso porque a autora acredita que os sentidos não são produzidos pelo sujeito, pois é anterior e externo a ele. Nesse sentido, a análise do discurso procura refletir sobre “a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua”.

Portanto, para que se possa compreender o funcionamento do discurso de Ângelo Dourado, é preciso compreender a sua formação ideológica. Também é preciso ressaltar que a memória é seletiva, ou seja, o sujeito registra aquilo que lhe convém

Oliveira alerta sobre a tendência de Dourado de privilegiar algo ou alguém em função de seu caráter ideológico ou sócio-político e ressalta que *Memórias do Martírio* é, em síntese, uma versão dos fatos.⁶⁹

⁶⁷ OLIVEIRA, Marcelo França de. *Quando a memória vira História: Ângelo dourado e a historiografia sul-riograndense*. Rio Grande: Pluscom, 2009, p.45.

⁶⁸ ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009, p.17.

⁶⁹ OLIVEIRA, Marcelo França de. *op. cit.* p.63.

2.1 AS MEMÓRIAS DE ÂNGELO DOURADO SOBRE A REVOLUÇÃO FEDERALISTA

Para que haja compreensão da narrativa de Dourado em *Voluntários do Martírio*, é fundamental situá-la. Primeiro, é correto afirmar que o texto do médico-coronel tem caráter memorialístico, pois a base de seu trabalho é a memória. Marcelo França de Oliveira afirma que a narrativa de Dourado em *Voluntários do Martírio* se refere a um livro de “memórias”, pois a intenção do autor era que suas impressões sobre a Revolução Federalista não caíssem no esquecimento.⁷⁰

A história e a memória são fundamentais na construção das identidades Mas o que é memória, em que esta consiste? Jacques Le Goff explica que “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.⁷¹ Segundo Jacy Seixas, “a memória é portanto algo que “atravessa”, que “vence” obstáculos, que “emerge”, que irrompe: os sentimentos associados a este percurso são ambíguos, mas estão sempre presentes.⁷²

No livro de Dourado a memória constitui a base do que ele escreveu, é ela que dá sentido ao passado e está relacionada ao saber histórico. Portanto, memória e história caminham lado a lado na construção do saber histórico, mas não são sinônimos. Enquanto a memória marmoriza, a história analisa, critica e sofre mudanças de acordo com as necessidades da sociedade.⁷³ Essa diferenciação é importante para o entendimento da narrativa de Ângelo Dourado.

Le Goff também explica essa diferença. Para ele, é na memória que floresce a história e é a partir desta que ela se alimenta, procurando salvar o passado não apenas a favor do presente, mas também do futuro.⁷⁴ Seixas afirma que “a memória é

⁷⁰ SÊGA, Rafael A. *Tempos Belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos/CEFET-PR, 2005, p.111.

⁷¹ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990, p.423.

⁷² SEIXAS, Jacy Alves de. *Percurso de memórias em terras de história: problemáticas atuais*. IN: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e ressentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas SP: Editora da Unicamp, 2001.

⁷³ RODRIGUES, José Honório. *A tradição, a memória e a história*. *Brasil Tempo e Cultura* 3. João Pessoa, Secretaria da Educação e Cultura Estado da Paraíba, 1980, p. 220 apud FÉLIX, op. cit. p. 41.

⁷⁴ LE GOFF, op. cit.p.477.

prisioneira da história ou encurralada nos domínios do privado e do íntimo”.⁷⁵ Exemplo disso em Dourado, são as cartas dirigidas á esposa, que compõem parte do livro. A autora ainda aponta que nesse processo, a memória se transformou em objeto e trama da história, constituindo-se em memória historicizada.

Diante dessa discussão sobre memória, observa-se opiniões divergentes em relação a intenção de Dourado. Como foi afirmado anteriormente, Rafael Sêga enfatiza que a intenção de Dourado era que suas impressões sobre a Revolução não caíssem no esquecimento. Já, Marcelo França de Oliveira, explica que o “autor não pretendia narrar suas memórias da guerra de forma ampla, ou para um grande público, sob a forma de um livro”,⁷⁶ Já que seus relatos só tomaram formato de livro mais tarde.

Em alguns momentos, Dourado assumiu que não queria escrever a história da Revolução Federalista, pois achava tudo prematuro demais, apenas queria narrar uma descrição do conflito, deixando uma contribuição de como foram os episódios dessa guerra. França argumenta que o autor se posicionou dessa maneira porque não sabia ao certo os rumos, nem a duração do conflito armado.⁷⁷ Dourado demonstrou isso quando deixou a República do Uruguai e se dirigiu para o Rio Grande. Diante do medo da morte, Dourado não dormiu durante a noite e resolveu escrever sobre sua angústia. Durante a escrita, ele se despediu da esposa:

Foi-se a noite. Sepulte-se o passado talvez para sempre. Já nossa vanguarda
tiroteia; marchamos para a batalha – para a victoria ou para a morte. Adeus
!⁷⁸

França aponta que “a opção pela escrita é sintomática da intenção do registro da memória”⁷⁹. Em outras palavras, o registro da memória é efeito da postura de Ângelo Dourado.

Sêga acredita que o autor não queria que suas impressões caíssem no esquecimento, O fato é que os textos de Dourado sempre estavam circulando. Enquanto o médico estava no campo de batalha, mandava publicar o que escrevia em

⁷⁵SEIXAS, Jacy Alves de. *op.cit.* p.41.

⁷⁶OLIVEIRA, Marcelo França de. *op. cit.* p.57.

⁷⁷OLIVEIRA, Marcelo França de. *op. cit.* p.57.

⁷⁸DOURADO, Ângelo. *Voluntários do Martírio: narrativa da revolução de 1893*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1977, p.21.

⁷⁹OLIVEIRA, Marcelo França de. *id.bid.* 58.

seu diário, em uma coluna nos jornais federalistas, de maneira regular. No decorrer do conflito, esses jornais foram fechados, mas enquanto funcionaram, Dourado contou com o apoio de simpatizantes da Revolução para expor sua experiência ao público.

Os jornais federalistas (que apoiavam Saraiva) do Rio Grande do Sul foram fechados durante a guerra, mas o editor de *El Deber Cívico* de Melo era simpatizante da revolução e publicou muitas matérias relacionadas à guerra, inclusive a coluna de Ângelo Dourado em português. (...) Muito mais do que veículos de informação sobre o desenrolar da luta, os próprios jornais se transformaram em combatentes na guerra da propaganda.⁸⁰

Quando o conflito terminou, Ângelo Dourado publicou novamente em 1896 seu texto, mas desta vez em formato de livro intitulado *Os voluntários do martyrio: factos e epizodios da guerra civil*. Esse livro foi lançado em um único volume e na sua edição foram acrescentados alguns comentários do autor sobre suas impressões após o período de guerra. Alves aponta a posição de Dourado com relação à transformação do diário em livro.

O escritor (Dourado) demarca ainda que aquele não era portanto um livro meditado, e sim um jornal de impressões, de modo que aquilo que apresentava seria compreendido pelos que lutaram com e contra ele nos campos de batalha. Nesse quadro, Dourado justifica sua obra a partir de uma narração dos fatos “realmente” como aconteceram, o que seria “reconhecido” por aliados e adversários.⁸¹

Uma característica da sua escrita é a paixão partidária. Nesse sentido, o autor aponta as falhas de sua narrativa, ou seja, ele tinha consciência de que sua visão não era imparcial, pois ocupava um dos lados da guerra e como tal defendia seu ponto de vista. Logo na apresentação do livro ele deixa clara essa característica sinalizada por Alves. O trecho é assinado pelo “Doutor Ângelo Dourado, Coronel do Exército Libertador”.

O que escrevo é a impressão da ocasião, narrada a quem, como eu, soffria, a quem teve tanto amor a causa que defendo que se votou á miseria, ás privações para não exigir de mim um acto que deshonrava, qual seria quietar-me enquanto os companheiros que eu incitára á lucta morriam e

⁸⁰ CHASTEEN, John Charles. *Fronteirarebelde*. Porto Alegre: Movimento, 2003, p.140.

⁸¹ ALVES, Francisco das Neves. *A sociedade gaúcha na óptica de um rebelde*: breve estudo de caso. *Biblos*, Rio Grande, 1 (1): 127-138, 2010, p. 130-131.

sofriam. Esse acto de resignação—santificou-a para mim, fel-amartyr voluntaria. Nada modifiquei nas impressões que sentia então e escrevia.⁸²

Alguns autores, como Marcelo Oliveira, afirmam que o livro de Ângelo Dourado pode ser entendido como diário e destacam sua linguagem poética ao descrever os acontecimentos no campo de batalha.

Mesmo quando falava de si, dos medos e agruras do que vivia diariamente na guerra, não deixava de conferir um certo ar poético ao que descrevia: “Corra o pranto! Este suave orvalho da alma do esposo e pai que não indica fraqueza.”⁸³

Esse teor poético poder ser compreendido na sua forma “dramática” de escrever:

O meu caminho era indicado pelos cadáveres e feridos. Aqui, um que agonizava, ali outro que gemia, além outro coberto de sangue, - sentava-se junto do cadáver de um irmão, de um amigo e com o olhar feroz buscava além de victima para vingança. Cadáveres nús em grandes numero: eram dos nossos adversários, por que o revolucionário, o voluntario da honra e da miséria, cobre a nudez, abriga-se do frio, com as roupas ensanguentadas dos que são pagos para destruí-los.⁸⁴

Nesse trecho, Dourado relata o ataque às tropas inimigas, indicando a quantidade de mortos. É uma informação de caráter histórico, já que a narrativa do autor consiste em rememorar os tempos da guerra civil.

Para além do aspecto poético da narrativa, interessa compreender o caráter epistolar da obra de Dourado. Na tradução de *O Doutor Maragato (João Eickhoff)*, personagem que prestou serviços médicos aos maragatos na região de Taquara, no Rio Grande do Sul, Hilda Flores define o material de Dourado como minucioso diário e destaca a utilização dos depoimentos memorialistas como fonte ao tratar da Revolução Federalista.

O depoimento de memorialistas que vivenciaram algum aspecto da luta fratricida que entre 1893-95 ensanguentou o solo rio-grandense. Ângelo Dourado, em seu minucioso diário, fala das atrocidades vivenciadas ao longo

⁸² DOURADO, Ângelo. *Voluntários do Martírio*: narrativa da revolução de 1893. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1977, p.1.

⁸³ OLIVEIRA, Marcelo França de. *Quando a memória vira história*: Ângelo Dourado e a historiografia sul-riograndense. Rio Grande: Pluscom, 2009, p.48.

⁸⁴ DOURADO, Ângelo. *op.cit.* p.24.

dos três anos em que acompanhou a Coluna Saraiva, como médico e atento observador⁸⁵

Mas como o diário de Ângelo Dourado se transformou em memória? Marcelo França de Oliveira explica que no decorrer do tempo o que diferencia a forma como determinado objeto é entendido é a maneira como esses documentos são tratados e utilizados⁸⁶. O conceito de documento é amplo, sendo que o principal objetivo dos historiadores que os utilizam é chegar ao conhecimento do passado. Nas palavras do historiador François Furet “a história é o conhecimento do passado com tudo o que se puder conseguir”.⁸⁷ O diário de Dourado foi publicado e essa publicação passou a ser utilizada recorrentemente pela historiografia e valorizada como memória.

França ainda afirma que por mais que o conhecimento histórico seja, muitas vezes, entendido como dado, é mais apropriado dizer que esse está em constante construção, pois ele não está acabado. Dessa forma, ele conclui que o conceito de passado histórico depende de diferentes olhares, conceitos e referências que se alteram de acordo com o tempo do estudo.⁸⁸ Essa alteração ocorre por meio de novas perspectivas historiográficas, que buscam distanciar-se do objeto.

Partindo dessa perspectiva o diário de Ângelo Dourado é entendido como memória na maneira que o autor descreve indícios do cotidiano da Revolução Federalista, buscando organizar algumas informações sobre seu testemunho. Marcelo França aponta que a importância da escrita para Dourado fica evidente na maneira como ele rememorava sua função de escritor, relembrando de seus tempos acadêmicos e ensaios literários.⁸⁹ Sobre o cuidado nas suas descrições:

Mesmo nos momentos em que antecediam ou sucediam às batalhas, Dourado se mostra um narrador cuidadoso, atento às minúcias. Deste modo, descreve a geografia das diferentes regiões visitadas: “o terreno onde se travou a batalha é desigual”. Uma cochila central onde partem outras pequenas como os dedos de uma mão aberta e também os tipos humanos que a coluna encontra no caminho, como alemães, por exemplo, onde procede a descrição

⁸⁵FLORES, Hilda A. H. In EICKHOFF, João. *O Doutor Maragato*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994, p.

⁸⁶FRANÇA, Marcelo de Oliveira, *op.cit.* p. 34.

⁸⁷ FURET, François. *O historiador e a história, um relato de François Furet*. Entrevista concedida a Aspásia Camargo. Estudos Históricos: Rio de Janeiro: n. 1, 1988, p.161.

⁸⁸FRANÇA, Marcelo de Oliveira, *op.cit.* p. 35-36.

⁸⁹FRANÇA, Marcelo de Oliveira, *op.cit.* p.48

detalhada de como é a vida numa colônia que ele conheceu – seus bailes, vestimentas, costumes, casamentos, etc.⁹⁰

Essa descrição geográfica aparece logo no começo do livro, onde Dourado direcionou suas primeiras palavras á Francisca, sua esposa. Ele identificou o lugar onde estava, descreveu seu trajeto, a situação da campanha, bem como as condições climáticas sob as quais atuava.

Estamos no Brazil... quatro noites consecutivas tivemos de marchar apesar das chuvas e das geadas. Era preciso isso para não comprometermos as autoridades orientaes ou á nós. Ao despontar do dia atravessamos a linha divisória. A manhã estava fria e a campanha branqueava com a geada que lentamente se evaporava formando uma tênue gaze que amortecia o brilho do sol.

A campanha está deserta, não se, vê nem uma rez, nem uma pessoa, --essa rez que a tyrannia manda ao matadouro. Parece que tudo dorme; é tão cedo ainda!⁹¹

Suas observações indicam a composição humana da paisagem, com a indicação da presença de indígenas que viviam na região de Passo Fundo. No trecho abaixo, Dourado dá detalhes sobre os hábitos do grupo citado.

As mulheres são que conduzem tudo que eles possuem; mas nada colocam sobre os hombros; por maior que seja o pezo, amarram o objecto com cordas, penduradas na cabeça e recebem o peso sobre os lmbos. Um pouco curvadas para diante marcham com rapidez. Os homens caçam, ou dormem. Apenas a creança masculina sabe atirar com o arco que corresponde ao tamanho do caçador emamcipa-se; os pequenos caçam as aves pequenas; os periquitos e as rolas são suas victimas.⁹²

Em seu livro também existem relatos de casos de tortura e estupro contra mulheres. A situação das mulheres no conflito, expressa no livro de Ângelo Dourado, é explicada pelo historiador Elio Chaves Flores.

No contexto social da guerra, a mentalidade patriarcal tendia a exasperar-se contra a mulher. Dourado revela a ação de uma ordenança do exército libertador de violar uma moça perto de Caçapava. Mais adiante, relata a execução de dois companheiros que ‘foram a uma casa e insistiam para que abrissem. O modo da insistência indicava más intenções’. O universo feminino e a tentativa de estupro serviam de inspiração para a imposição das leis revolucionárias.⁹³

⁹⁰ *op.cit.* p.48-49.

⁹¹ DOURADO, *op.cit.*p.3.

⁹² DOURADO, *op.cit.*p. 235.

⁹³ FLORES, Elio Chaves. *Violência no Conflito de 1893*. In FLORES, Moacyr (org). 1893-95 A Revolução dos Maragatos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993, p. 176.

Flores sugere que a violação da mulher servia como uma forma de justiça contra o adversário: “se nós matamos os nossos que cometem estes crimes, como haveremos de poupar os contrários?”⁹⁴ Já Oliveira, em sua Dissertação intitulada *A trincheira discursiva: escritos políticos de Ângelo Dourado em livros e na imprensa Rio-Grandina na formação do Rio Grande do Sul Republicano (1893-1905)*, rebate um detalhe sobre a afirmação de Flores: “Elio Flores não explica que a frase seria de Gumercindo Saraiva, como o próprio Ângelo Dourado afirma em seu livro, assim, o autor reproduz como se fosse de Dourado”.⁹⁵

Elio Flores ainda aponta indícios da participação da mulher no conflito na narrativa de Dourado:

Perto de Rosário, diz ainda Dourado, foi encontrada uma rapariga de Bagé, junto a um grupo de mulheres prisioneiras, vigiadas por uma tal de sargento Firmina. É uma das raras menções de um memorialista de 93 sobre a mulher combatente e com divisas para comando. A sargento rebelde Firmina pode ser um indício de que a mulher não foi apenas vítima da guerra, mas esteve definitivamente inserida no seu contexto.⁹⁶

Como é possível perceber a partir das informações indicadas anteriormente, o diário de Ângelo Dourado é o relato de uma experiência pessoal, mas que apresenta informações importantes do coletivo no período da Revolução de 1893. As memórias que se manifestaram em relatos, diários, cartas, narrativas autobiográficas, entre outros, apresentam ao leitor vestígios do passado, hábitos, costumes, rastros das ações e trajetórias vividas por seus personagens e também a forma que eles construíram as suas ideias.

Segundo Castro, em *O diário de Bernardina*, capítulo do livro *Escrita de Si, Escrita da história de Ângela de Castro Gomes*⁹⁷, os autores de textos autobiográficos, como os diários, tecem reflexões sobre a construção do “eu”. São as escritas de “si”,

⁹⁴ FLORES, *op. cit.* 177.

⁹⁵ OLIVEIRA, Marcelo França de. *A trincheira discursiva: escritos políticos de Ângelo Dourado em livros e na imprensa Rio-Grandina na formação do Rio Grande do Sul Republicano (1893-1905) – Usos e possibilidades para a pesquisa e ensino de história no ensino superior.* Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e da Informação, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 2014, ps.41-42. Disponível em: <http://www.poshistoria.furg.br/images/stories/dissertacoes/tcm-marcelofrana.pdf> Acesso em: 23 de nov. 2016.

⁹⁶ FLORES, *id. ibid.*, pp.177-178.

⁹⁷ CASTRO, Celso. *O diário de Bernardina*. In: GOMES, Angela de Castro Gomes. *Escrita de Si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

sinalizadas pela autora. Nesse sentido, diários, relatos, biografias, cartas, entre outros documentos estão, cada vez mais, ganhando espaço como fontes de memória.

As práticas de escrita de si podem evidenciar, assim com muita clareza, como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do texto, que decorre por sucessão. Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser “decomposto” em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho etc. E esse indivíduo, que postula uma identidade para si e busca registrar sua vida, não é mais apenas o “grande” homem, isto é, o homem público, o herói, a quem se autorizava deixar sua memória pela excepcionalidade de seus feitos.⁹⁸

Gomes aponta como estes textos podem ser um campo de reflexão para os historiadores, no artigo em que analisou o diário da filha do General Benjamin Constant Botelho, personagem da conspiração republicana de 1889. No diário utilizado pela autora como fonte, Bernardina registrou acontecimentos do seu cotidiano, ressaltando eventos familiares.⁹⁹ Tinha 16 anos quando começou a escrever e produziu quatro cadernos sobre suas anotações.

A historiadora acredita que a família de Bernardina guardou seu diário após sua morte, porque acreditavam ser um objeto de memória e também a prova documental de que Bernardina e sua família participaram de uma história memorável. Dessa forma, o diário de Bernardina, assim como o diário de Ângelo Dourado, pode ser considerado uma fonte para a interpretação de diferentes ritmos da vida social de determinado período.

Gomes reflete sobre o termo diário: “Primeiro, a própria palavra “diário” deve ser pensada no contexto de uma história cultural dos “registros de si””.¹⁰⁰ Nesse sentido, analisou a estrutura do documento:

Na capa de seu caderno Bernardina anota apenas a frase “*continuação das notas de 1889*”. Não há, no texto que chegou até nós, qualquer menção à palavra “diário”. Esse rótulo lhe foi atribuído posteriormente e pode ter múltiplas significações. O registro diário de informações – definição mínima de “diário” – engloba um contínuo que abrange desde uma simples “agenda” de acontecimentos dos pensamentos íntimos de seu autor. O diário de Bernardina, como muitos outros, fica em um lugar no meio do caminho.¹⁰¹

⁹⁸ CASTRO, *op. cit.* p.13.

⁹⁹ CASTRO, *op. cit.* p.230.

¹⁰⁰ GOMES, *op. cit.* p.236.

¹⁰¹ GOMES, *id. ibid.* p.236-237.

Diante da afirmação de Gomes, pode-se dizer que o diário de Ângelo Dourado “também fica em um lugar no meio do caminho” pois, se pensado nesta perspectiva, pode ser considerado um registro de informações na medida em que ele busca a construção de si: é uma prova documental, de que Dourado participou de um acontecimento de proporção. Com isso, ele posiciona uma identidade para si e busca ressaltar o seu lado da história como verdade, a partir de seus pensamentos íntimos sobre a guerra. No entanto, o diário de Dourado não se resume somente a um caderno onde ele colocava seus pensamentos íntimos, já que muitos destes textos eram encaminhados para sua esposa e publicados em um jornal, para vir a público. Embora seja um documento de escrita diária, não é um documento que reserva um caráter confidencial.

Apesar de reconhecer possíveis falhas em detalhes de seu conjunto narrativo, o autor também caracteriza seus escritos como portadores de uma “verdade histórica”, destacando que talvez não fosse literalmente exato nos fatos que narrava, referindo-se àqueles episódios descritos por terceiros, porém, em relação ao que presenciara, seriam a “expressão da verdade”, e por eles deveria julgar verdadeiros todos que lhe contaram.¹⁰²

Oliveira destaca que o período da Revolução é conhecido pelos escritos de ambos os lados em divergência em decorrência dos textos memorialísticos que circularam: “batalha por meio das palavras” ou a “guerra discursiva” travada entre federalistas e castilhistas por meio da imprensa.¹⁰³ Os textos de Dourado tiveram um alcance em sua época, pois este utilizava a imprensa para propagar seus ideais. O autor fez um breve levantamento da quantidade de textos de Dourado publicados por periódicos federalistas.

¹⁰² ROUSTON JUNIOR, Eduardo. *O Rio Grande do Sul republicano sob a ótica parlamentar da oposição federalista (1913-1924)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p.54.

¹⁰³ OLIVEIRA, Marcelo França de. *A trincheira discursiva: escritos políticos de Ângelo Dourado em livros e na imprensa Rio-Grandina na formação do Rio Grande do Sul Republicano (1893-1905) – Usos e possibilidades para a pesquisa e ensino de história no ensino superior*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e da Informação, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 2014, p.12. Disponível em: <http://www.poshistoria.furg.br/images/stories/dissertacoes/tcm-marcelofrana.pdf> Acesso em: 23 de nov. 2016.

Vale destacar o número de textos publicados somente no Echo do Sul, diário de destaque na imprensa rio grandina e sul-rio-grandense: foram, ao todo, 136 colunas observadas em nosso levantamento prévio no período de 1896 a 1902, sendo publicadas de maneira relativamente uniforme neste espaço temporal, refletindo uma inegável longevidade de concessão de espaço para o escritor federalista. O prestígio alcançado pelo intelectual federalista permitia que fosse respeitado mesmo pelos adversários, como atestam as notícias publicadas quando de sua morte, especialmente no jornal Echo do Sul.

Gomes aponta que no caso de Bernardina, seu diário não se tornou “histórico” após ter sido confiado à guarda de uma instituição de memória, pois este já era considerado pelas pessoas que o guardaram.

2.2 O FEDERALISMO EM VOLUNTÁRIOS DO MARTÍRIO

Na vida de Ângelo Dourado a medicina e a escrita andavam lado a lado. No entanto, ele não deixa de demonstrar que sua paixão era a escrita, que naquele momento possuía o papel de propagar ideias. Segundo Marcelo de Oliveira França, para Dourado, a política e a escrita eram importantes porque uma servia de combustível e instrumento à outra.¹⁰⁴

Dourado era contra a República que se construiu a partir de 1889 e passou seus dias criticando seus governantes e a organização do Estado, como a organização do exército permanente. França destaca que entre os alvos preferidos de Dourado estavam Júlio de Castilhos, quem ele definia como um assassino, pois acreditava que esse tinha vendido o Rio Grande do Sul para Floriano Peixoto, o qual definia como ditador.¹⁰⁵

Pobres! A Pátria nutria-os para defende-la contra o estrangeiro, e para isso garantia-lhes o futuro das famílias depois de mortos; e o Sr. Floriano fez d’elles presente ao Sr. Júlio de Castilhos para manda-los- ao matadouro contra seus irmãos que vingam o insulto que receberam por terem querido protestar contra o aviltamento da Pátria.¹⁰⁶

¹⁰⁴ OLIVEIRA, Marcelo França de. *Quando a memória vira história: Ângelo Dourado e a historiografia sul-rio grandense*. Rio Grande: Pluscom, 2009, p.50.

¹⁰⁵ FRANÇA, Marcelo de Oliveira, *op.cit.* p.54.

¹⁰⁶ DOURADO, Ângelo. *Voluntários do Martírio: narrativa da revolução de 1893*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1977, p.5.

O autor registrou declarações relacionadas aos excessos dos governantes. Em um trecho ele cita o caso de um alemão preso pelas tropas legalistas. Segundo ele, o rapaz recebeu tantos castigos corporais que perdeu quase toda a pele. Diante disso, um boticário conservou a pele do alemão no álcool, com alguns que Dourado havia conseguido, pois ele pretendia dar de presente a um museu. Na passagem ele ainda faz uma descrição anatômica do material.

E` uma bôa preparação anatômica, porque sendo tirada do vivo, conserva todas as ramificações venosas, tendo tomado a côr negra. Irá com esta inscrição:

Pelle humana de um teuto brasileiro civiciado na Lagôa Vermelha, Estado do Rio Grande do Sul, no ano de 1893, por agentes do governo do Dr. Júlio Prates de Castilhos, no 4º. Anno da Republica e segundo governo do marechal Floriano Peixoto.¹⁰⁷

Dourado busca legitimar a ideia de que Revolução Federalista era justa, uma guerra legítima e que para que ela acontecesse não importavam os métodos assumidos pelos revolucionários.

Oliveira aponta também que a narrativa de Dourado pretendia convencer o leitor de que o movimento revolucionário era legítimo.¹⁰⁸ Para isso, ele busca usar a ideia de “bestialidade” da massa como argumento, criticando a discurso político que a atingia.

Fala-se em política, todo mundo é político, e predomina sobre elles o que leu um artigo n’um jornal, e repete uma frase picante de qualquer orador inutil e chato, mas que faz chégar ao gottoda populacho, segundo o que na ocasião lhe agradava.¹⁰⁹

No trecho acima, Dourado afirma que o povo era facilmente convencido pelo discurso de seus adversários. Considerar o povo bestializado era um pensamento comum na época. José Murilo de Carvalho em *Os bestializados* trabalha com o processo da instauração da República no Rio de Janeiro e utiliza o termo *bestializados*

¹⁰⁷ Dourado, *op. cit.* p.60.

¹⁰⁸ OLIVEIRA, Marcelo França de. *A trincheira discursiva: escritos políticos de Ângelo Dourado em livros e na imprensa Rio-Grandina na formação do Rio Grande do Sul Republicano (1893-1905) – Usos e possibilidades para a pesquisa e ensino de história no ensino superior. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e da Informação, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 2014, p.27.. Disponível em: <http://www.poshistoria.furg.br/images/stories/dissertacoes/tcm-marcelofrana.pdf> Acesso em: 23 de nov. 2016.*

¹⁰⁹ DOURADO, *id. ibid.* p.102.

para descrever como as pessoas reagiram diante do acontecimento. A ideia de que a república passou despercebida para essas pessoas consideradas “sem consciência política” é contestada por Carvalho. O autor explica que o poder não fazia sentido para o povo e que não levavam a República a sério. Isso porque para eles “o bestializado era quem levasse a política a sério, era o que se prestasse a manipulação”.¹¹⁰

Dourado fala da “submissão” do povo, afirmando que não é raro ver homens que mandam “tirar o couro” de compatriotas que não se submetem a eles. Na visão do autor, não há humanidade nesses homens, pois eles tornaram a República no Brasil inviável e, ao mesmo tempo, afirmavam amar este solo.

Amor de quadrupede, cujos afagos são couces de dentadas. E o povo bestliado aceita o que eles dizem, e diz por sua vez: Pois, senhores estamos na republica. Sahir d’ella é confessarmo-nos ignorantes, o que nos prejudicaria diante do povo europeu, que não nos daria mais nada para vivermos, nem ao menos nos consentiria plantar feijão e abobora para comer, nem pescar nos nossos rios, porque não somos civilizados...¹¹¹

No trecho acima, Dourado deixa claro a importância da República para ele, considerado o único regime civilizado do Ocidente. Demonstra também preocupação com o que pensam os europeus sobre nosso povo, reforçando a ideia de que o povo era “bestializado”.

França afirma que a política lhe causava irritação, pois ele acreditava existirem muitos reprodutores de ideias e argumentos políticos já existentes. Da mesma forma, Dourado buscava convencer a opinião pública de seu tempo pela escrita.

Fazia-o, sobretudo através da imprensa, sempre que possível fosse, afinal, parecia acreditar no alcance e poder da persuasão dos jornais de sua época, pois não desperdiçava chance de publicar artigos por onde passasse.¹¹²

Apesar de Dourado enfatizar que a luta armada não é necessária, ele tenta justificar as mortes oriundas dela. Ele atribuí as mortes dos combates ao governo e também a nação que nada fez frente à situação política do Rio Grande do Sul.

¹¹⁰ CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.160.

¹¹¹ DOURADO, *id. ibid.* p.102

¹¹² OLIVEIRA, Marcelo França de. *Quando a memória vira história: Ângelo Dourado e a historiografia sul-rio-grandense*. Rio Grande: Pluscom, 2009, p.61.

Commettemos tamanho crime que o destino para nos punir surpeehendeu-nos com o governo que nos manda matar e nos leva a esse excesso? E`apena talião: “dente por dente, olho por olho.” Mas há provocadores, há quem isto tenha feito na paz por surpresa e traição, e a nação cruza os braços a taes crimes e os criminosos são ainda galardoados.¹¹³

No trecho anterior, Dourado afirmou que o governo obrigou a matança, ou seja, que o exército libertador matou pela causa. Um exemplo disso é a prática da degola. Ao analisar essa questão, Pesavento afirma que ela aconteceu nos dois lados políticos.

O certo é que de ambos os lados generalizou-se a prática da “degola”, forma de execução rápida e barata, uma vez que não requeria o emprego de arma de fogo. Consistia, na sua maneira mais usual, em matar a vítima tal como se procedia com os carneiros: o indivíduo era coagido a, de mãos atadas nas costas, ajoelhar-se. Seu executor, puxando sua cabeça para trás, pelos cabelos, rasgava sua garganta, de orelha à orelha, seccionando as carótidas, com um rápido golpe de faca.¹¹⁴

A narrativa de Dourado tentou construir uma ideia de que o federalismo era uma causa legítima, defendida pelo médico:

Aconselhei aos paes, aos filhos, aos esposos, aos noivos, aos irmãos, a virem defender a Pátria se querem ter o direito de ter família. Penso que ao homem honesto não é justo nem digno aconselhar a outrem a arrostar o perigo sem ir com sua pessoa provar que o fez com pureza de sentimento, com convicção. Aqui estou com elles lutando e disposto a lutar até o fim.¹¹⁵

Com relação ao trecho acima, França ressalta que a narrativa do autor possui exemplos de humanismo, bravura, altruísmo. Sentimentos que dialogavam com as suas concepções e percepções em torno da realidade histórica e do seu tempo.¹¹⁶

Ângelo Dourado foi denominado narrador oficial dos acontecimentos por Gumercindo Saraiva durante as campanhas revolucionárias.¹¹⁷ Dourado fez questão de afirmar que Gumercindo, grande líder dos maragatos, havia solicitado a ele a escrita da história que vivenciavam. Nesse sentido, atribuiu essa responsabilidade a sie legitimou sua escrita ao enfatizar que o líder principal do grupo assim desejava.

¹¹³DOURADO, *op.cit.*p.7.

¹¹⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Revolução Federalista*. São Paulo: Brasiliense. 1983, p.89.

¹¹⁵DOURADO, *op.cit.*p.11.

¹¹⁶FRANÇA,Marcelo de Oliveira, *op.cit.*64.

¹¹⁷FRANÇA,Marcelo de Oliveira, *op.cit.* p.62.

Em uma passagem do livro, Dourado enfatiza que Gumerindo pediu para que ele estivesse preparado para escrever e que narrasse um dia todos os desastres e causas da campanha.¹¹⁸ Dourado teria respondido que esse triunfo o tornaria o primeiro herói da América do Sul e o registro o consagraria como tal.¹¹⁹ Nesse sentido, França explica que seus apontamentos possuem duplo sentido: de um lado, está à carta para a esposa e a memória pessoal e, do outro, a preocupação com o registro oficial dos combatentes da coluna.¹²⁰

França ainda aponta que quando Dourado terminou de escrever o livro, o conflito havia terminado e logo ele procurou a Livraria Americana para que sua obra fosse publicada, mas demonstrou preocupação com “excessos” que poderiam ter ocorrido durante o registro dos fatos.¹²¹ Dourado escreveu que possivelmente tivesse sido excessivo no julgamento de alguns acontecimentos. “Talvez não fosse literalmente exacto nos factos que narrei, por se me ter narrado, mas o que presenciei são a expressão da verdade, e por elles devo julgar verdadeiros todos os que se me contaram”.¹²²

Dourado via os federalistas como revolucionários. De acordo com França, Dourado usa esse termo para falar de seus companheiros de campanha e só utiliza o termo maragatos por ironia ou para falar do pequeno grupo que acompanhava Gumerindo Saraiva, descendentes de espanhóis, vindos de Maragatería, na Espanha.¹²³

Durante toda sua narrativa, utiliza o termo *federaes* uma única vez, assim como utiliza o termo *picapaos* em apenas uma passagem. No entanto, para falar de seus adversários, usa o termo *legalistas*, que aparece em destaque itálico. Esses termos determinavam o antagonismo entre os diferentes grupos políticos.

Para Marcelo de Oliveira França, o uso desses termos sinaliza a força de cada grupo e também busca legitimar o posicionamento dos federalistas contra o governo. Nesse caso, o primeiro (os federalistas) tem a função de salvar a pátria e o outro (o

¹¹⁸ DOURADO, *op.cit.* p.236.

¹¹⁹ DOURADO, *id. ibid.* p.244.

¹²⁰ FRANÇA, Marcelo de Oliveira, *id. ibid.* p.62.

¹²¹ FRANÇA, Marcelo de Oliveira, *id. ibid.* p.63.

¹²² DOURADO, Ângelo. *Voluntários do Martírio: narrativa da revolução de 1893*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1977, p.421.

¹²³ FRANÇA, Marcelo de Oliveira, *op.cit.* p.64.

governo) busca apenas manter a legalidade das coisas, ordenada por Júlio de Castilhos.¹²⁴

Segundo Dourado, os federalistas matavam para não morrer e os legalistas por ordem de Júlio de Castilhos. Para ele, os revolucionários eram considerados heróis envolvidos pelos sentimentos patriotas e que agiam sob condições precárias. Na passagem a seguir ele coloca seus companheiros nessas condições.

Nem uma feição contrahida, nem um gesto de desconforto n`aquellepunhadp de abnegados quase nus, desarmados, trazendo as bandeiras presas em madeira para fingirem lanças !o frio era intenso, mas o olhar d`elles fixava-se na campanha do Rio Grande, no solo da Pátria, onde só poderiam viver d`ali em diante, matando.¹²⁵

Durante sua narrativa, Ângelo Dourado buscava justificar os atos de seu grupo. Ele utilizou suas experiências como instrumento da verdade, registrando aquilo que pudesse transparecer como correto, no ponto de vista dele e dos *federalistas*. Pode-se dizer que essa representação permite compreender como ele enxergava a luta federalista. O fato é que durante essa escrita ele não se distancia de seu objeto, demonstrando sofrimento ao falar das condições na campanha, da população, dos seus companheiros “Narrar é também sofrer quando aquele que registra a narrativa não opera a ruptura entre sujeito e objeto”.¹²⁶ Sobre sua atitude de justificar a todo momento o lado dos federalistas, Marcelo de Oliveira aponta:

Temos aí uma característica marcante de seu relato: a luta, do lado federalista, era totalmente justificável. Os criminosos, do seu ponto de vista, eram os legalistas, e não federalistas, apesar de estes estarem à margem de lei. Contudo, do ponto de vista legal, ou, como preferia Dourado, do ponto de vista da “legalidade”, os federalistas é que eram os criminosos.¹²⁷

Em seu discurso, Dourado recorria à defesa da pátria, mas na mesma medida procurava confrontar Castilhos e Floriano, tornando a luta federalista legítima e justificada.¹²⁸ O trecho abaixo revela seu objetivo.

¹²⁴FRANÇA, Marcelo de Oliveira, *id. ibid.* p.65.

¹²⁵DOURADO, *op.cit.* p.5.

¹²⁶BARBOSA, João Alexandre. *Uma psicologia do oprimido*. In: BOSI, Eclea, p.13.

¹²⁷ OLIVEIRA, Marcelo França de. *Quando a memória vira história: Ângelo Dourado e a historiografia sul-riograndense*. Rio Grande: Pluscom, 2009, p.65.

¹²⁸FRANÇA, Marcelo de Oliveira, *id. ibid.* p.64.

O que é a vida para aqueles em quem viver é ser livre, é ter vontade, é ter direitos? E` ver essa vontade respeitada, esse direito garantido?

Quando lhes mentem, quando lhes poem tropeço á vontade, quando lhes roubam o direito que hão de fazer senão lutar?

lutar até que se compreenda que elles conhecem que lhe roubam os seus direitos, e os restituam, ou até morrer.

A morte é a liberdade para quem não pode viver escravo.¹²⁹

Diante dessa afirmação, o autor preocupava-se de certa forma tentar demonstrar que o movimento era racional de legitimidade aos revolucionários, mas mostrar racionalidade na causa, para que as pessoas pudessem tomar o federalismo como legítimo movimento revolucionário. Dessa forma, o racionalismo aplicado nas suas palavras buscava implicar na conformidade do leitor.

A ideia de racionalidade, neste momento, traz consigo de maneira implícita, mas também intrínseca, a ideia de imparcialidade e objetividade, elementos tão caros aos historiadores desta época, ainda que o autor afirmasse não se pretender um historiador.¹³⁰

Além de tentar justificar e legitimar ideais que também eram seus, ao abordar os dois grupos em sua narrativa, Dourado os descreve diferentemente e sempre tenta apontar o seu grupo como justo. Ele atribuí a desumanidade da guerra aos legalistas, procurando relacioná-los ao caos das regiões por onde passavam. Ele afirmava que por onde passava a tropa revolucionária ela deixava como rastro casas habitadas, lojas e armazéns cheios. No entanto, ao falar sobre as atitudes dos legalistas, enfatizou que por onde passavam levavam destruição e poderiam ser comparados a pragas e gafanhotos monstruosos.¹³¹

Dourado afirma que seu grupo não saqueava e que só pegavam objetos necessários se pudessem pagar.¹³² Mas, ao falar dos legalistas, afirmava que estes destruíam e saqueavam, sem pagar. Em certo episódio, ele conta a situação de uma velha muito pobre.

¹²⁹DOURADO, *id. ibid.*.p.41.

¹³⁰FRANÇA, Marcelo de Oliveira, *id. ibid.*.p.64

¹³¹FRANÇA, Marcelo de Oliveira, *op. cit.*. p.66.

¹³²DOURADO, *op. cit.* p.284.

A` pobre velha que não tinha mais nada, porque tudo tinham levado em nome da legalidade, para salvarem as instituições. Restava-lhe, alguns suínos, e aves domesticas.

Gomercindo mandou collocar ali uma guarda para não se tirar um único objectod` aquella gente.

Na minha estada ali, durante alguns minutos, apesar da minha pobreza dei-lhe algum dinheiro para comprar roupa para os netos; Ella deu-me um peru, que eu paguei três vezes mais caro do que o valor d`elle.¹³³

Um dois acontecimentos marcantes da Revolução é o massacre do Rio Negro, no qual muitos prisioneiros legalistas foram degolados. França aponta que esse evento não foi tratado na narrativa de Dourado, nem sequer citado. Nada registrou sobre o ocorrido “Não se sabe se por ignorância dos fatos que lá se deram, se por omissão voluntária, mas acabou por não voltar ao assunto em nenhum momento ao longo da narrativa”.¹³⁴

Pode-se dizer que a atitude de Ângelo Dourado em omitir alguns fatos, está relacionada à defesa de seus ideais. Essa defesa pode ser observada durante toda a sua narrativa, pois a cada página procurou expressar sua opinião paralelo ao registro dos fatos. Dessa maneira, o conteúdo ideológico na narrativa dá sentido ao seu discurso: o federalismo como movimento revolucionário e legítimo. Nesse sentido, “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”, sendo que “a materialidade específica da ideologia é o discurso” meio que estabelece a relação língua-discurso-ideologia.¹³⁵

Com base neste discurso o autor expõe o federalismo como uma causa legítima e justa, deixando claro que a Revolta era necessária para que a ideia do atraso do país não se firmasse, tendo como finalidade manter o equilíbrio do país, conservando a autonomia política. Analisando o livro percebemos na Revolução Federalista, expõe o ato da degola do inimigo, mais do que um gesto representativo da vitória, constituía-se em um acontecimento que ajudava enormemente o conceito de guerra justa que ali se travava.

¹³³DOURADO, *op.cit.* p.265.

¹³⁴FRANÇA, Marcelo de Oliveira, *op.cit.* p.69.

¹³⁵ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009, p.17.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa de Ângelo Dourado em *Voluntários do Martírio* requer um olhar mais aprofundado para compreender sua representação da Revolução de 1893, pois existem várias “faces” em sua memória.

Ao estudar a obra de Dourado, pretendeu-se entender como o autor fazia uso de sua experiência e lembranças para expor o federalismo, memória esta que serviu de base para construção do conhecimento histórico, uma vez que o autor foi testemunha chave deste acontecimento e foi muito recorrente na historiografia posterior.

Na pesquisa foi possível constatar que o principal objetivo de Dourado ao registrar suas experiências durante o conflito, era de defender o Federalismo como movimento revolucionário legítimo e justo. Em sua obra, Dourado expôs os federalistas como revolucionários, com ideais à frente do tempo que viviam. Para ressaltar isso, ele utilizou um discurso apelando para os ideais de patriotismo, honra, dignidade e justiça, características que, segundo ele, faziam parte da ideologia dos federalistas. É impossível negar o engajamento político-partidário em sua narrativa.

A Revolução de 1893 é um tema que envolve diferentes interpretações e ideologias divergentes. Nesse sentido, durante a escrita do primeiro capítulo desse trabalho procurou-se compreender um pouco dessa produção historiográfica a partir do olhar de autores como Rafael Sêga, Marcelo França de Oliveira, Sandra Jatahy Pesavento, entre outros. Partindo desse objetivo, foi necessário conceituar o federalismo da Revolução Federalista. Diante dessa reflexão, no segundo capítulo, procurou-se trabalhar o conceito de memória posicionar e a obra de Dourado, como uma fonte memorialística.

FONTES

DOURADO, Ângelo. *Voluntários do Martírio: narrativa da revolução de 1893*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1977.

REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco das Neves. *A sociedade gaúcha na óptica de um rebelde: breve estudo de caso*. Biblos, Rio Grande, p.127-138, 2010.

_____. *Uma introdução ao estudo da historiografia acerca da Revolução Federalista*. Rio Grande: Editora da FURG, 2002.

_____.; TORRES, Luiz Henrique (orgs.). *Pensar a Revolução Federalista*. Rio Grande: Editora da Fundação Universidade de Rio Grande, 1993.

BARBOSA, João Alexandre. *Uma psicologia do oprimido*. In: BOSI, Eclea.

CARVALHO, José Murilo de. *Os três povos da República*. REVISTA USP, São Paulo, n.59, setembro/novembro 2003, p.97. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/13279/15097>

_____. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTRO, Celso. *O diário de Bernardina*. In: GOMES, Ângela de Castro Gomes. Escrita de Si, escrita da história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CHASTEEN, John Charles. *Fronteira rebelde*. Porto Alegre: Movimento, 2003.

ERÖS, J. S, 1987 apud SÊGA, Rafael A. *Tempos Belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos/ CEFET-PR, 2005.

_____. *Revolução*. In Fundação Getúlio Vargas (Org.), Dicionário de ciências sociais. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.

ESCOBAR, Wenceslau. *Apontamentos para a História da revolução Rio-grandense de 1893*. 2 a ed. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1920.

FLORES, Elio Chaves. *Violência no Conflito de 1893*. In FLORES, Moacyr (org). 1893-95 A Revolução dos Maragatos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

_____. In EICKHOFF, João. *O Doutor Maragato*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994.

FLORES, Hilda Agnes Hübner; FLORES, Moacyr. *Rio Grande do Sul: aspectos da Revolução de 1893*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993.

FRANCO, Sérgio da Costa. *A Guerra Civil de 1893*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1993.

_____. *Júlio de Castilhos e sua época*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.

_____. *O Partido Federalista*. In República Velha (1889-1930) /coordenação geral Tau Golin, Nelson Boeira; diretores do volumes Ana Luiza SettiReckziegel, GunterAxt . – Passo Fundo: Méritos, 2007 - v. – t.1 – Coleção História Geral do Rio Grande do Sul.

FURET, François. *O historiador e a história, um relato de François Furet*. Entrevista concedida a Aspásia Camargo. Estudos Históricos: Rio de Janeiro: n. 1, 1988.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990.

LEVI, Lucio. *Federalismo*. Dicionário de Política. Brasília. Editora da UnB, 1991.

MOTTA, José do Patrocínio. *República Fraticida: revoluções rio-grandenses de 1835-1932*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1989.

OLIVEIRA, Marcelo França de. *A trincheira discursiva: escritos políticos de Ângelo Dourado em livros e na imprensa Rio-Grandina na formação do Rio Grande do Sul Republicano (1893-1905) – Usos e possibilidades para a pesquisa e ensino de história no ensino superior*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e da Informação, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 2014, p.19. Disponível em: <http://www.poshistoria.furg.br/images/stories/dissertacoes/tcm-marcelofrana.pdf> Acesso em: 07 de jan. 2017.

_____. *Quando a memória vira História: Ângelo dourado e a historiografia sul-riograndense*. Rio Grande: Pluscom, 2009, p. 21.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Os 120 anos da Guerra Civil de 1893*. Revista Historia, v. 4, n. 2, p.138-139. Disponível em: <https://www.seer.furg.br/hist/article/view/3669/0> Acesso em : 07 janeiro. 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Revolução Federalista*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

RODRIGUES, José Honório. *A tradição, a memória e a história. Brasil Tempo e Cultura 3*. João Pessoa, Secretaria da Educação e Cultura Estado da Paraíba, 1980, p. 220 apud FÉLIX.

ROUSTON JUNIOR, Eduardo. *O Rio Grande do Sul republicano sob a ótica parlamentar da oposição federalista (1913-1924)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

SÊGA, Rafael A. *Tempos Belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Instituto Memória 2008.

_____. *Revolução Federalista, 110 anos. História & Perspectivas*, Uberlândia, (29 e30) : 177-215, Jul./Dez. 2003/Jan./Jun. 2004.

SEIXAS, Jacy Alves de. “*Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais*”, In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (org.) *Memória e (res)sentimento: Indagações sobre uma questão possível*. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

SENA, Davis R. de. *O grande desafio brasileiro: guerra civil 1892/5*. Rio de Janeiro: Ed. de autor, 1995